

Título: Corpos Negros em Disputa: a violência e desumanização através da hipersexualização do homem negro

Autor: Igor da Silva Oliveira, Universidade do Estado de Minas Gerais, igor.1294088@discente.uemg.br

Resumo

O presente trabalho visa discutir o desenvolvimento histórico da imagem e do estereótipo hipersexualizado do homem negro na sociedade. Consideramos a construção histórica do negro e como que uma sociedade imersa pela “supremacia branca” desenvolve e perpetua uma imagem do homem negro hipersexualizado. Portanto, nos debruçaremos em referências teóricas correspondentes ao tema e a conceitos como “hipersexualização”, “supremacia branca” e “objetificação”. Por fim, discutiremos como que a sociedade e algumas indústrias, como a fonográfica e a pornográfica, se valem desses estereótipos para lucrar e perpetuar tal imagem.

Palavras-chave: “Supremacia branca”; Hipersexualização; Desumanização.

Abstract

This paper aims to discuss the historical development of the image and the hypersexualized stereotype of Black men in society. We consider the historical construction of Black identity and how a society immersed in “white supremacy” develops and perpetuates a hypersexualized image of the Black man. Therefore, we will examine theoretical references related to the topic and concepts such as “hypersexualization,” “white supremacy,” and “objectification.” Finally, we will discuss how society and certain industries, such as the music and pornography industries, make use of these stereotypes to profit and perpetuate such imagery.

Keywords: White supremacy; *Hypersexualization*; Dehumanization.



1. Introdução

Nesse trabalho, buscamos analisar como a sociedade se encontra dominada pela “supremacia branca”, conceito apresentado por bell hooks (2019), e como tal ideologia moldou os estereótipos encontrados do homem negro encontrados na contemporaneidade e como esses estereótipos são ainda utilizados como ferramentas de subalternização do homem negro.

Através desse conceito, analisamos alguns recortes sociais, como a indústria fonográfica e a indústria pornográfica, além de discutirmos como que a hipersexualização desse sujeito interfere e na construção de sua masculinidade no decorrer de sua formação.

2. Metodologia


Esse trabalho se caracteriza por uma pesquisa qualitativa com abordagem teórico-crítica, com base nos pressupostos da epistemologia negra, com objetivo de analisar os mecanismos de manutenção da “supremacia branca”, principalmente no que tange as representações midiáticas do corpo negro.


A pesquisa se desenvolve através de uma análise crítica do discurso e da imagem e estereótipos criados pela “supremacia branca” do que é o negro, buscando entender como se da a perpetuação desse imaginário. Assim, a análise se da a partir de uma perspectiva que compreende esses estereótipos não como um reflexo da realidade, mas como uma construção ideológica que opera no controle dessa população.

O embasamento teórico se ancora em autoras e autores como bell hooks (2019, 2022), Frantz Fanon (2008), Beatriz Nascimento (2021), entre outros autores que contribuem na desconstrução das narrativas hegemônicas. Além disso, nos utilizamos de dados secundários para demonstrar como a indústria e a sociedade reproduz, perpetua e lucra com estereótipos racistas.

3. Resultados e Discussão

1. A sociedade e a “supremacia branca”





Ao longo da história podemos observar que a construção da sociedade ocidental, sobretudo as colônias ultramarinas, se deu a partir da exploração e desumanização de outros corpos, especialmente dos corpos negros. Sendo assim, estamos imersos em um sistema que foi estruturado para que o branco, mesmo que de forma inconsciente, esteja na posição do dominador, enquanto os não brancos se encontrem na posição de dominado, sempre subordinado a vontade, pensamentos e ideologias do seu dominador.


Com isso, como apresentado por bell hooks (2019), nos encontramos sobre o julgo de uma “supremacia branca”, ao qual se refere a uma dominação ideológica que se encontra no cerne das relações sociais ocidentais, no qual a dominação dos sujeitos subalternizados deixa de ser física, como outrora foi no período colonial, e migra para uma dominação ideológica, uma dominação do pensamento e das ações do sujeito dominado. Assim sendo, podemos compreender como que o negro, desumanizado e inferiorizado, se torna cúmplice e perpetua, voluntariamente ou não, pensamentos ao qual garante a manutenção das hierarquias sociais vigentes.


Isto posto, a “supremacia branca” se utiliza de duas ferramentas para perpetuar sua sutil dominância nas mentes e ações dos sujeitos encarcerados em sua ideologia em nossa sociedade. Uma das ferramentas é o controle estético midiático.

apesar da mudança em nossa compreensão intelectual e acadêmica sobre supremacia branca, raça e racismo, representações de negritude na tela da televisão e nos filmes são, na realidade, tão negativamente estereotipadas quanto eram durante os períodos de apartheid racial (Hooks, 2022, p. 237).

A imagem construída do negro na mídia tem se alterado, no entanto, por mais que essas alterações tenham dado espaço para que negros e negras pudessem interpretar e exercer outros papéis, diferentes dos impostos anteriormente como da figura subalternizada do escravizado etc., ainda se perpetua estereótipos desumanizados do negro, além da construção de uma nova estética de beleza negra, onde alguns corpos, considerados padrão, ocupa certos espaços em detrimento de corpos “não padrões”.

Além disso, outra forma de dominação por meio da “supremacia branca” se encontra na assimilação dos sujeitos dominados, no qual busca fazer o negro aceitar






como verdade, além de reproduzir, as ideias hierárquicas e hegemônicas que o cerca moldando-se a partir delas. A assimilação surge a partir da necessidade e da esperança de ser aceito e recompensado pelo seu almoz, de poder transitar livremente nos ambientes onde esse sujeito é desumanizado e inferiorizado (Hooks, 2019).


Sendo assim, as duas ferramentas utilizadas pela “supremacia branca” se complementam, pois ao da forma a imagem do branco civilizado, belo e superior e criar a imagem do negro desumanizado, animalesco e inferior, a mídia reforça na mente da população negra a necessidade de ser assimilado pela estética e ideais de uma cultura que o diminui para que assim possa ser aceito, pois como denunciado por Beatriz Nascimento (2021) “por enquanto ainda queremos nos ‘igualar’, sermos ‘aceitos’. Por enquanto ainda impera em nós o ideal estético branco” (p. 50-51).

A assimilação é uma ferramenta de dominação violenta, pois obriga o negro a mudar externa e internamente. De forma externa muda-se seu modo de agir, seu comportamento que tenta emular o que a sociedade branca espera dele. Internamente muda-se sua percepção sobre si, pois, de forma consciente ou inconsciente, discrimina seu próprio eu em busca de uma aceitação, além de internalizar a ideologia que o enxerga como inferior, colocando como única possibilidade de existência e destino para o negro se tornar, mesmo que de forma incompleta, branco (Fanon, 2008).

o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa. [...]. Muitos antilhanos, após uma estadia mais ou menos longa na metrópole, voltam para ser consagrados. [...] O negro que viveu na França durante algum tempo volta radicalmente transformado. [...] Quando ele encontra um amigo ou um camarada, não é mais a ampla gesticulação que o anuncia: muito mais discreto, nosso “futuro” faz uma reverência. A voz, habitualmente rouca, revela um movimento interno feito de frêmitos, para imitar o sotaque metropolitano” (Fanon, 2008, p. 34-35).

A busca do negro, do antilhano descrito por Fanon (2008), por essa aceitação o transforma em um indivíduo sem identidade, que se reconhece a partir do olhar de inferiorização do seu dominador e busca se aparentar com ele no jeito de vestir, falar e se portar para que assim possa ser aceito, mas sempre sendo um sujeito incompleto, que por consequente violenta seu próprio eu, mesmo que não fisicamente, assim como outrora era violentado por aqueles que hoje ele busca se assemelhar e agradar.





Um exemplo dessa assimilação se dá no personagem Stephen, de Samuel L. Jackson em *Django Livre*, que como criado da casa de seu senhor buscava se vestir e se comportar como seu dominador, além de detestar e se achar superior aos seus iguais.

Destarte, a assimilação se torna a Máscara de Anastácia da com temporaneidade, pois serve como ferramenta de silenciamento do negro, como forma de deslocá-lo de sua ancestralidade, de dilacerá-lo e reconstruí-lo a partir da visão do seu algoz fazendo-o não se enxergar para que assim possa ser “integrado” a uma sociedade que o abomina. A “supremacia branca” apresenta-se como o “racismo estrutural” e o “racismo institucionalizado” que são outras formas de dominação e institucionalização das práticas racistas em nossa sociedade.


2. Sem humanidade: o homem negro como o falo

O processo de inferiorização e animalização do negro se dá muito anteriormente ao período colonial. Diversas teorias e crenças foram criadas e difundidas a fim de consolidar a ideia de que a África e os africanos eram inferiores aos europeus. Sendo assim, cria-se diversos argumentos, tal como a teoria camita que surgiu e se populariza durante o período medieval, ao qual colocava o africano como o descendente de Noé que foi amaldiçoado a servir seus irmãos (Serrano, Waldman, 2007).

Com isso, perpetuou-se a imagem do negro animalesco, do negro enquanto sujeito sem alma, o que justificava a obtenção desse ser, da objetificação desse sujeito, pois ele não era humano.

A transformação dos africanos em simples mercadorias completava um processo de desumanização iniciado séculos antes. São várias as representações iconográficas elaboradas nesse intervalo temporal que, além de evidenciar o tratamento desumano nas caravanas que transportavam os africanos escravizados até o litoral, acabaram por reforçar a noção de que esses se transformavam em objetos estocados nos porões dos navios (Oliva, 2008, p. 18-19).

Assim, o negro é transportado do status de sujeito, de humano, e é colocado em um patamar inferior, ele é coisificado, inferiorizado, colocado de forma vil e cruel em uma ferramenta a ser utilizada ao bel prazer de seu “senhor”. O negro foi colocado



como exótico, tendo o corpo do homem negro visto como anormal, exposto e estudado na Europa, sendo observado com desejo pelos seus espectadores (Rodrigues, 2020).

O período da escravização causou marcas que ainda são sentidas ainda hoje nos corpos de homens e mulheres negras, além disso, por meio da “supremacia branca”, ainda somos dominados no campo das ideias e na imagem. Uma das marcas ainda presente no cotidiano do homem negro é a do seu corpo hipersexualizado, ao qual afeta a formação e o desenvolvimento de sua masculinidade.

Como é possível se falar de uma masculinidade negra, uma vez que, o homem negro está preso a uma objetificação que o priva de sua racionalidade cultural e nega-lhe independência? A naturalização e animalização da sexualidade negra não representam em si uma negação da condição de independência ao homem negro e por consequência sua masculinidade? [...] a questão da construção da masculinidade se liga à noção de controle. Controle é a categoria central do escravismo e do sexismo. Nesta perspectiva, podemos nos referir a masculinidade negra como uma masculinidade subalterna, pois lhe é negada, ou parcialmente negada, a capacidade de controle sobre si e sobre o social (Rosa, 2006, p. 3).

A subalternidade do homem negro se encontra até no desenvolvimento de sua própria masculinidade. Tendo sua imagem e seu corpo animalizado e hipersexualizado o homem negro, muitas das vezes, tem como única possibilidade de desenvolver e performar sua masculinidade através da imagem que lhe é imposta do que é ser um homem negro.

O corpo negro viril é, na grande maioria dos casos, treinado, moldado e trabalhado a fim de passar uma imagem de energia, vigor e potência, muitas vezes associado ao trabalho braçal, ao esforço físico, atividades que moldam o corpo, a estética masculina e reforçam a virilidade desejada ou almejada ao corpo do homem negro.

É importante ressaltar, que na maioria das vezes essa virilidade é associada ao tamanho do órgão sexual masculino. Espera-se que as proporções penianas do homem negro sejam “compatíveis” com a sua masculinidade, então virilidade, potência sexual e tamanho do pênis devem ser proporcionalmente equiparadas. (Rodrigues, 2020, p. 273)

A imagem estereotipada criado do homem negro, perpetuada cotidianamente pela “supremacia branca”, está ligada diretamente ao tamanho do pênis do homem negro, sendo que o pênis está ligado proporcionalmente a virilidade desse sujeito. Por fim, o homem negro é visto apenas pelo seu pênis e sua potência sexual, o relegando assim a um estado de lascívia animalasca, pois esse sujeito é representado e enxergado apenas pelo seu órgão sexual.

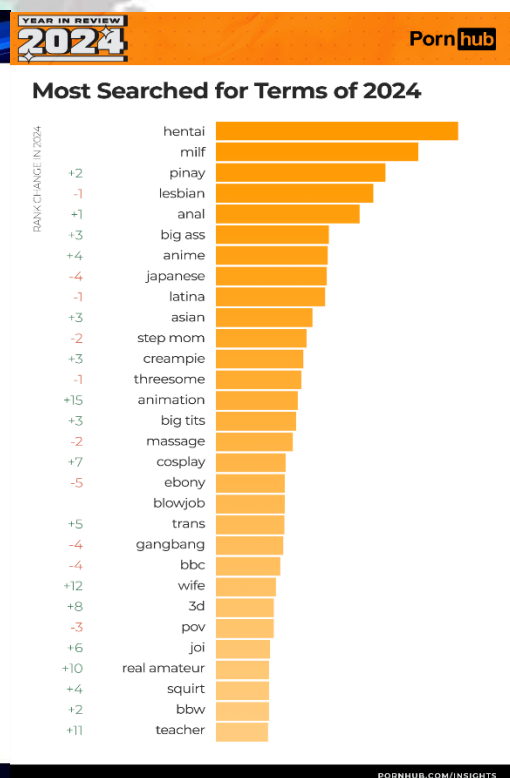
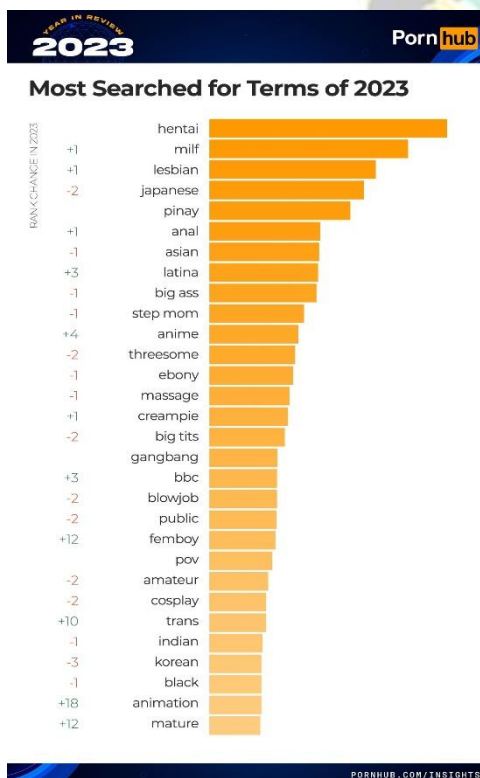
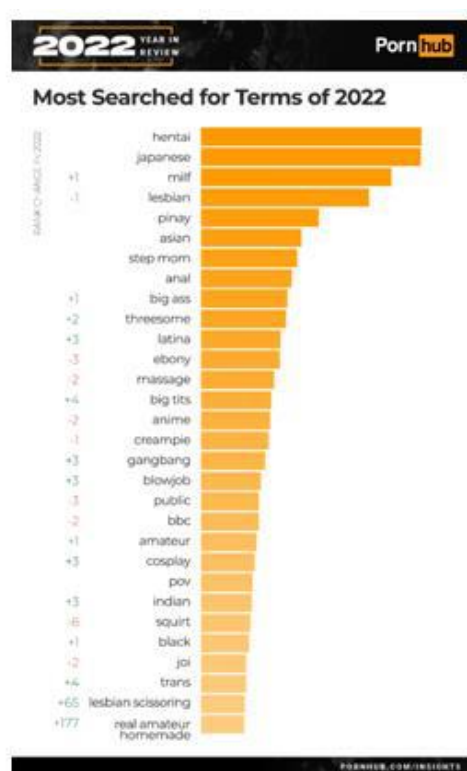
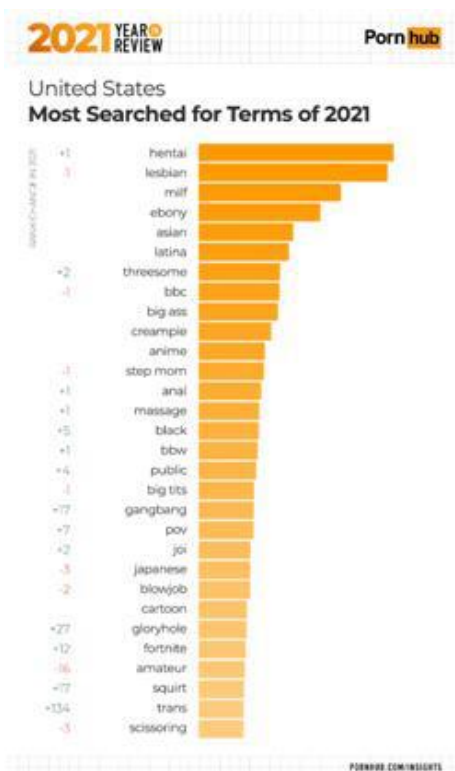
A reprodução da imagem do homem negro hipersexualizado na sociedade contemporânea é evidente. As mais diversas produções se utilizam desses estereótipos, vemos isso na indústria fonográfica.

Para as masculinidades negras *gangsta* a expressão e prática intensa do sexo heterossexual é um potente ritual de masculinização, que atravessa de maneira profunda seu sistema iconográfico audiovisual. É válido ressaltar que a hipersexualização dos homens negros simultaneamente hipersexualiza as mulheres negras, exploradas simbolicamente em sua nudez, erotização e fetichização masculina, como pode-se perceber no videoclipe *Disco Inferno*, que possui alto teor erótico e sexual (Santos, 2017, p. 87).


A afirmação dessa potência sexual encontrada na figura do *gangsta* é reflexo direto do imaginário popular do que é ser um homem negro, quando não violento uma potência sexual. Sendo que a disseminação desse estereótipo por parte do próprio homem negro é reflexo também de uma sociedade dominada pela “supremacia branca” que impõe a esse sujeito essa imagem sobre si.

Outra indústria que faz uso da imagem do negro hipersexualizado, que perpetua e fatura através desse estereótipo, é a indústria pornográfica. Ao analisar os dados disponibilizados por uma das maiores empresas do segmento pornográfico do mundo podemos observar como que termos ligados diretamente a população negra, e especificamente ao homem negro, como *BBC*, *Big Black Cock* (Grande Pênis Preto), estão frequentemente nos rankings de pesquisa.

Figura 1 –Gráfico de termos mais pesquisados em 2021, 2022, 2023 e 2024 no *Pornhub*



Fonte: Compilação do autor



Durante quatro anos consecutivos o termo *BBC* se encontra como um dos mais pesquisados dentro do maior site de produção de conteúdo pornográfico do mundo. Os corpos dos homens negros continuam sendo explorados, violentados e utilizados como objetos para satisfazer uma sociedade dominada em todas as instancias pela “supremacia branca”.

4. Conclusão

Considerando que nossa sociedade se nasceu e se construiu sobre as bases da “supremacia branca”, principal agente de dominação nas relações sociais, torna-se necessária a luta para uma desconstrução dos estereótipos que foram desenvolvidos em cima do homem negro no decorrer da história.

Podemos observar que a “supremacia branca”, por meio da assimilação, influencia diretamente a construção da masculinidade negra fazendo com que o homem negro tire como base, da sua construção enquanto sujeito, a imagem e estereótipos reforçados diariamente pelos mais diversos canais e ferramentas utilizados pela “supremacia branca”.

Portanto, acreditamos ser necessário um movimento de combate e desconstrução desses estereótipos para que assim possamos ter uma construção de masculinidade negra livre dos estigmas e ideias imposta a ela.

Principais conclusões e implicações do trabalho. Principais conclusões e implicações do trabalho. Principais conclusões e implicações do trabalho.

5. Referências

DJANGO livre. Direção: Quentin Tarantino. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2012. Filme. Disponível em: <https://www.netflix.com/>. Acesso em: 15 maio 2025.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.



HOOKS, bell. *Escrever além da raça: teoria e prática.* Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.* Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos.* Organização de Alex Ratts. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Da Aethiopia à África: as ideias de África, do medievo europeu à idade moderna. *Fênix (UFU. Online)*, v. 5, p. 1–20, 2008.

PORNHUB. *Pornhub Insights*, 2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021>. Acesso em: 15 de maio de 2015.

PORNHUB. *Pornhub Insights*, 2022. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

PORNHUB. *Pornhub Insights*, 2023. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2023-year-in-review>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

PORNHUB. *Pornhub Insights*, 2024. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2024-year-in-review>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

RODRIGUES, W. H. S. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, 2020.

ROSA, W. Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero VII - Gênero e Preconceitos*, 2006, Florianópolis. *Anais Fazendo Gênero VII*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. v. 1. p. 1–7.

SANTOS, Daniel dos. *Como fabricar um gangsta: masculinidades negras nos videoclipes dos rappers Jay-Z e 50 Cent.* 2017. 160 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

WALDMAN, Maurício; SERRANO, Carlos. *Memória D'África – A temática africana em sala de aula.* 3ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2007. v. 01. 327 p.

